

LITERATURA BRASILEIRA

*“Todos sabemos, clara ou brumosamente, que nascemos sós, vivemos sós e morremos sós”. A frase, escrita nos diários do escritor português Miguel Torga, traz, de forma pessimista, a dor e a sensação de vazio que muitas vezes ganham lugar na nossa vida. A literatura, evidentemente, reflete e é reflexo deste sentimento, apresentando exemplos variados de personagens – esses seres de papel – que se encontram solitários e, frequentemente, tristes e melancólicos. A **solidão** é o tema central das questões que você deverá resolver.*

INSTRUÇÃO: Para responder à questão 31, leia o excerto da obra *A Noite*, de Erico Verissimo, e as afirmativas.

“E de novo se perdeu num território crepuscular, povoado de vozes e vultos vagos, iluminado de quando em quando por súbitos e inexplicáveis clarões – e nesse mundo ele andou perdido, o pensamento vazio, consciente apenas do fato de que caminhava, embora as pernas parecessem não pertencer-lhe. Vozes soavam perto de seus ouvidos, feriam-lhe os tímpanos, mas não lhe diziam nada. No mais, era aquela dor branca na boca do estômago, e a solidão, o abandono, o ruído regular e implacável daquelas passadas que o perseguiam. Levou algum tempo para perceber que eram seus próprios passos soando nas lajes duma calçada solitária”.

Com base no texto, afirma-se:

- I. Técnica geralmente mais recorrente na poesia, a aliteração – repetição de fonemas idênticos ou semelhantes – é perceptível nesse trecho da narrativa.
- II. Embora em meio a pessoas que conversam e interagem com o personagem, ele sente-se extremamente solitário.
- III. Ao construir um espaço sombrio e opressivo, que intensifica ainda mais a condição solitária do personagem, o narrador cria uma atmosfera onírica, quase de alucinação.
- IV. O caráter de introspecção, de esvaziamento de sentido, com viés urbano, é uma marca que Erico Verissimo sempre carrega em suas obras, em especial em “O continente”, de *O tempo e o vento*.

31) As afirmativas corretas são, apenas,

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e IV.
- D) III e IV.
- E) I, II e III.

INSTRUÇÃO: Para responder à questão 32, leia o excerto a seguir.

“Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia (...). Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o Major Quaresma podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado. Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo (...).”

32) Esse trecho alude a um personagem solitário e visionário, um dos mais representativos da Literatura Brasileira.

Quem é o autor que criou este personagem?

- A) Monteiro Lobato.
- B) Joaquim Manuel de Macedo.
- C) Manuel Antônio de Almeida.
- D) Machado de Assis.
- E) Lima Barreto.

INSTRUÇÃO: Para responder à questão 33, leia os textos e as afirmativas que seguem, preenchendo os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

TEXTO 1

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrelas cintilam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua majestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzela vaidosa
Nas águas se vai mirar!

Nessas horas de silêncio
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dor,
O sino do campanário
Que fala tão solitário
Com esse som mortuário
Que nos enche de pavor.

Então – proscrito e sozinho –
Eu solto aos ecos da serra
Suspiros dessa saudade
Que no meu peito se encerra
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dores:
Saudades – Dos meus amores
Saudades – Da minha terra!

(“Saudades”, Casimiro de Abreu)

TEXTO 2

Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois

Por que você me deixa tão solto?
Por que você não cola em mim?
Tô me sentindo muito sozinho (...)

Por que você me esquece e some?
E se eu me interessar por alguém?
E se ela, de repente, me ganha?(...)

(“Sozinho”, música de Peninha, interpretada por Caetano Veloso)

Considerando os textos 1 e 2 e o contexto do Romantismo, afirma-se:

- () Nos dois textos, é a partir do silêncio noturno que surge o sentimento de solidão. No poema de Casimiro de Abreu, essa solidão do eu lírico se potencializa com elementos da natureza que também trazem uma certa melancolia: a quietude das ondas do mar, a lua que reflete na água.
- () A noite tem função simbólica distinta nos dois textos: no primeiro ela provoca um leve meditar, sem sofrimento; no segundo traz dor e sensação de abandono.
- () O subjetivismo, o sentimento nostálgico e a tristeza são alguns dos traços da poesia do romântico Casimiro de Abreu, evidenciados em “Saudades”.

- () O autor de “Saudades”, assim como o poeta Gonçalves Dias, pertence à segunda geração romântica, conhecida como a do ‘Mal do Século’.
- () Em seu célebre prefácio à obra *Cromwell*, o escritor romântico francês Victor Hugo desdenhava da necessidade de rigidez nas estruturas de composição no Romantismo, postulando uma espontaneidade de criação. Esse pensamento pode ser comprovado com o texto 1, que apresenta um poema com versos livres e brancos.

33) A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A) F – V – F – V – V
 B) V – F – V – F – V
 C) V – F – V – F – F
 D) V – F – V – V – F
 E) F – V – F – V – F

INSTRUÇÃO: Para responder à questão 34, leia o poema “Só”, de Olavo Bilac.

Este, que um deus cruel arremessou à vida,
 Marcando-o com o sinal da sua maldição,
 – Este desabrochou como a erva má, nascida
 Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida...
 Sem constância no amor, dentro do coração
 Sente, crespa, crescer a selva retorcida
 Dos pensamentos maus, filhos da solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno luto!
 Alma cega, perdida à toa no caminho!
 Roto casco de nau, desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto;
 E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!
 Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!

34) Todas as afirmativas estão corretamente associadas ao poema e seu contexto, **EXCETO**:

- A) Olavo Bilac, poeta pertencente à escola parnasiana, é também autor de *Via-Láctea*.
- B) Este ser cantado no poema é um fracassado em todas as suas escolhas, seja no amor, seja na profissão, como homem do mar.
- C) A solidão do homem cantado no poema é causadora de uma certa perturbação psicológica.

- D) Em tempos distintos, há comparações entre o homem cantado no poema e a natureza: o recém-nascido como erva daninha e o adulto maduro como árvore infrutífera.
- E) “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Essa sentença, que encerra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, poderia ser aplicada ao homem cantado no poema.

INSTRUÇÃO: Para responder à questão 35, leia os textos e as afirmativas a seguir.

TEXTO 1

Às onze da noite em ponto – o senhor Mello teve o cuidado de olhar o relógio naquele preciso instante – soou a campainha, e era, como imaginara, o Anjo da Morte.

– Estou pronto – disse, sorridente, o senhor Mello.
 – Outros não estariam prontos, mas eu estou. Não é uma surpresa, encontrar alguém que se considera pronto?

O Anjo da Morte não respondeu (...).

– A vizinha aí da frente não estava pronta – continuou o senhor Mello. – Eu não vi, mas me contaram que (...) no momento decisivo ela teve uma conduta deplorável, chorando, gritando que não era justo, que ainda tinha filhos para criar. Comigo será diferente. Mesmo porque não posso me queixar. Tive uma bela vida: infância feliz, amigos, namoradas, casei com a mulher que amava, realizei-me profissionalmente, ganhei algum dinheiro. Agora estou viúvo, sozinho, cansado: estou pronto (...).

(Excerto do conto “Pontualidade”, de Moacyr Scliar)

TEXTO 2

Esse tropel de cascos na noite profunda
 Me enche de espanto, amigo...
 Pois agora não existem mais carros de tração animal.
 É com certeza a morte no seu carro fantasma
 Que anda a visitar seus doentes pela cidade...
 Será ela? Virá acaso bater à nossa porta? (...)
 A morte é a coisa mais antiga do mundo
 E sempre chega pontualmente na hora incerta...
 Que importa, afinal?
 É agora a única surpresa que nos resta!

(“Virá bater à nossa porta?”, Mário Quintana)

Com base nos textos e em seus contextos, afirma-se:

- I. No texto 1, o senhor Mello condiciona a aceitação da morte ao fato de ter tido uma vida solitária.
- II. Tanto para o narrador do texto 1, quanto para o eu lírico do texto 2, a vida presente (textualmente marcada com o advérbio “agora”) reduziu-se a uma existência desinteressante.
- III. Os dois textos trazem os sons como indícios da presença de uma morte próxima: a campainha que toca, no primeiro; a movimentação das patas dos animais na rua, no segundo.
- IV. Moacyr Scliar e Mario Quintana são dois dos mais importantes escritores gaúchos. O primeiro escreveu, entre outras obras, *O exército de um homem só*, *A ferro e fogo* e *Os tambores silenciosos*. Já Quintana é autor de obras como *Rua dos cataventos* e *Sapato florido*.

35) As afirmativas corretas são, apenas,

- A) I e II.
- B) I e IV.
- C) II e III.
- D) III e IV.
- E) II, III e IV.

INSTRUÇÃO: Responder à questão 36 com base nos fragmentos a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, e nas afirmativas.

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim!

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

(...)

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.

Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do -bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Com base nos textos, afirma-se:

- I. “Ausência” apresenta uma possibilidade de entendimento da solidão como algo positivo, que fortalece o indivíduo por meio do retorno à sua interioridade.
- II. “Poema de Sete Faces” descreve uma jornada que tem início no nascimento e é marcada pelo abandono na passagem por um “vasto mundo”.
- III. Em “Ausência”, ao rememorar o seu passado, o eu lírico percebe ter sempre desejado a ausência como momento de felicidade e satisfação.

36) A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- A) apenas I.
- B) apenas III.
- C) apenas I e II.
- D) apenas II e III.
- E) I, II e III.

INSTRUÇÃO: Responder à questão 37 com base no poema a seguir, de Manuel Bandeira, e nas afirmativas.

“Na Solidão das Noites Úmidas”

Como tenho pensado em ti na solidão das noites úmidas,

De névoa úmida,

Na areia úmida!

Eu te sabia assim também, assim olhando a mesma cousa

No ermo da noite que repousa.

E era como se a vida,

Mansa, pousasse as mãos sobre a minha ferida...

Mas, ah! Como eu sentia

A falta de teu ser de volúpia e tristeza!

O mar... Onde se via o movimento da água,

Era como se a água estremecesse em mil sorrisos.

Como uma carne de mulher sob a carícia.

O luar era um afago tão suave

– Tão imaterial

E ao mesmo tempo tão voluptuoso e tão grave!

O luar era a minha inefável carícia:

A água em teu corpo a estremecer-se com delícia.

(...)

Oh, viver contigo!

Viver contigo todos os instantes...

Vivermos juntos, como seria a verdadeira vida,

Harmoniosa e pura,

Sem lastimar a fuga irreparável dos anos,

Dos anos lentos e monótonos que passam,

Esperando sempre que maior ventura

Viesse um dia no beijo infinito da mesma morte...

Com base no poema, afirma-se:

- I. Por intermédio de lírica sensualidade, o poema recorre à metáfora do mar para descrever os múltiplos sorrisos e a suavidade da carne da mulher sob as carícias.
- II. O luar configura-se como elemento da natureza para exemplificar a proximidade entre os amantes.
- III. Ao final do poema, o eu lírico rejeita a ideia de um amor compartilhado, tendo em vista a monotonia dos lentos anos.

37) A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- A) apenas I.
- B) apenas III.
- C) apenas I e II.
- D) apenas II e III.
- E) I, II e III.

INSTRUÇÃO: Responder à questão 38 com base no excerto a seguir, de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

Um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente. E marchei duas léguas. O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Eu tocava seguindo por trilhos de vacas. Atravessei um ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados – e ali era vau de gado. “Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...” – foi o que pensei, na ocasião. De pensar assim me desvalendo. Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter. Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é a sem razão de-motivo; que, quando notei que estava com dor-de-cabeça, e achei que por certo a tristeza vinha era daquilo, isso até me serviu de bom consolo. E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia. O tanto assim, que até um corguinho que defrontei – um riachim à-toa de branquinho – olhou para mim e me disse: – Não... – e eu tive que obedecer a ele.

(...) Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dançar. Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho.

Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. O senhor me acusa? Defini o alvará do Hermógenes, referi minha má cedência. Mas minha padroeira é a Virgem, por orvalho.

Nesse excerto,

() o sertão é apresentado como sinônimo de solidão, devido à vastidão de um mundo onde se marcham léguas à procura de alguém.

- () perante as travessias e as larguezas do chapadão, o sertão está localizado na interioridade e na subjetividade humanas.
- () o autor demonstra a força inovadora de uma transfiguração estilística que busca potencializar o léxico próprio e o falar sertanejo.
- () não existem temáticas místicas e religiosas associadas às manifestações da natureza do sertão.

38) A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A) V – F – F – F
- B) F – F – V – V
- C) V – V – F – V
- D) V – V – V – F
- E) F – F – V – F

INSTRUÇÃO: Responder à questão 39 com base no excerto do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

Há criaturas que não suportam. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa.

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas, exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. (...)

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagrecem. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. (...) Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida. (...) Penso no meu cadáver, magríssimo, com os dentes arreganhados, os olhos como duas jabuticabas sem casca, os dedos pretos do cigarro cruzados no peito fundo.

Os conhecidos dirão que eu era um bom tipo e conduzirão para o cemitério, num caixão barato, a minha carcaça meio bichada. Enquanto pegarem e soltarem as alças, revezando-se no mister piedoso e cacete de carregar defunto pobre, procurarão saber quem será o meu substituto na Diretoria da Fazenda.

Considerando o excerto e seu contexto, afirma-se:

- () O narrador pode ser caracterizado como um sujeito revoltado e solitário, que não suporta o meio social no qual está inserido.
- () Ao se aproximar de uma livraria, a voz narrativa propõe uma analogia, comparando a venda de livros à prostituição.
- () O narrador imagina-se como morto no contexto de seu próprio e deplorável funeral, no qual o único interesse será a nomeação de alguém para substituí-lo na repartição pública.
- () Diferentemente de *Angústia*, o romance *São Bernardo*, também de Graciliano Ramos, centraliza-se na felicidade do narrador, que faz um balanço da sua vida sob o prisma do otimismo e da redenção.

39) A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A) V – V – V – F
- B) F – F – V – V
- C) V – V – F – V
- D) V – V – V – V
- E) F – F – V – F

INSTRUÇÃO: Responder à questão 40 com base no excerto do conto “Viagem a Petrópolis”, de Clarice Lispector, e na letra da música “Pivete”, de Chico Buarque de Hollanda.

“Viagem a Petrópolis”

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. (...)

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir davam-na estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume. Ela também não agradecia muito: sorria e balançava a cabeça.

“Pivete”

No sinal fechado
Ele vende chiclete
Capricha na flanela
E se chama Pelé
Pinta na janela
Batalha algum trocado
Aponta um canivete
E até
Dobra a Carioca, olerê
Desce a Frei Caneca, olará
Se manda pra Tijuca
Sobe o Borel
Meio se maloca
Agita numa boca
Descola uma mutuca
E um papel
Sonha aquela mina, olerê
Prancha, parafina, olará
Dorme gente fina
Acorda pinel

(...)

No sinal fechado
Ele transa chiclete
E se chama pivete
E pinta na janela
Capricha na flanela
Descola uma bereta
Batalha na sarjeta
E tem as pernas tortas

40) Considerando os dois fragmentos, **NÃO** é correto afirmar:

- A) O conto de Clarice Lispector problematiza a fragilidade humana diante de um completo abandono.
- B) Os dois personagens assemelham-se na dependência à “esmola” e ao “trocado” dos outros, mas diferem no comportamento: enquanto Margarida parece passiva, entregue à velhice, o pivete é irrequieto, incansável na sua batalha pela sobrevivência.
- C) Com o irremediável passar dos anos, Margarida sofre com outro aspecto terrível da solidão: o desaparecimento progressivo de todos os parentes.
- D) A letra de Chico Buarque de Hollanda associa uma infância de brincadeiras com a dura realidade da sarjeta.
- E) Os dois textos, apesar de tematizarem uma problemática urbana contemporânea, sugerem uma possível saída reparatória.